

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

O DIAGNÓSTICO DO TDAH NA INFÂNCIA E SEUS IMPACTOS NA ADOLESCÊNCIA: A (DES)CENTRALIZAÇÃO DOS MEDICAMENTOS

Leticia Aline da Silva (Disciplina de Prática de Pesquisa II, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Juliana Iora Felipe (Disciplina de Prática de Pesquisa II, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Rosana Aparecida Albuquerque Bonadio (Disciplina de Prática de Pesquisa II, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: ra116894@uem.br

Palavras-chave: TDAH. Medicalização. Infância. Adolescência. Psicologia histórico-cultural.

O presente estudo sobre o diagnóstico de TDAH na infância e seus impactos na adolescência, traz a discussão acerca da centralização do uso dos medicamentos no tratamento do transtorno. Historicamente, o TDAH foi - e continua sendo - compreendido como um transtorno ligado às condições neurológicas. No início do século XX, vários pesquisadores o entendiam enquanto sendo um defeito da força de vontade ou uma inibição volitiva, causando comportamento agressivo. Ao longo do século, artigos científicos já propagavam a informação de que substâncias como a anfetamina eram recomendadas para o tratamento de crianças com o transtorno, visto que melhoravam o comportamento agitado e o desempenho acadêmico. O TDAH passou por diversas terminologias de acordo com os sintomas que eram elencados e atualmente é denominado de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, aparecendo no DSM-V (2014) como excesso de atividades, incapacidade para aguardar, inquietações em níveis exagerados para a fase de desenvolvimento ou idade que o indivíduo se encontra (TORRES, 2014).

Contudo, na contemporaneidade, o cenário social passa por diversas mudanças que implicam na subjetividade humana. Desde pequeno o sujeito é marcado por um estilo de vida, típico do sistema capitalista, cada vez mais imediatista (BOARINI; BORGES, 2009) e, atualmente, recorrer a medicação é um cenário bem recorrente que encontramos no tratamento de inúmeras crianças que são diagnosticadas com TDAH. O medicamento que mais se destaca é o metilfenidato, e as prescrições médicas desse psicofármaco crescem cada vez mais e conseqüentemente suas vendas também (TORRES, 2014).

Na teoria, o acompanhamento dessa criança, que deveria ter cunho multidisciplinar, encontra barreiras e frequentemente acaba se reduzindo a medicalização, como salienta Boarini e Borges (2009). Contudo, em geral, os textos científicos em sua maioria e manuais tendem a

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

focar seu diagnóstico e tratamento somente em fatores biológicos, de modo que os medicamentos sejam postos como principal artifício para o tratamento do transtorno. Neste sentido, nesta pesquisa desvelaremos a centralização da medicalização no tratamento do TDAH como a forma mais eficaz de lidar com o transtorno e apresentar uma nova perspectiva a respeito de seu diagnóstico e tratamento, a partir Psicologia Histórico-cultural.

Pelo olhar da Psicologia Histórico-cultural, Santos (2012) diz que Vigotsky, apesar de não rejeitar o caráter biológico, não o tem como central. Em sua teoria decorrendo acerca do desenvolvimento, o autor soviético ressalta que as relações sociais são cruciais para o desenvolvimento humano, e não, a maturação biológica. O que indica que os fatores biológicos imperam somente no que diz respeito às funções psicológicas elementares, que são reações automáticas e ações reflexas. As funções psicológicas superiores (FPS), se dão na relação com o outro e na transmissão dos saberes, na apropriação cultural, sendo essas a memória mediada, a atenção voluntária, a aquisição de instrumentos, a fala e o pensamento abstrato.

Considerando como a Psicologia Histórico-cultural compreende o desenvolvimento do psiquismo humano, levantamos a hipótese de que a centralidade na intervenção medicamentosa não é necessária como se vê na maioria dos diagnósticos de Transtorno de déficit de atenção e que o uso do medicamento na infância pode impactar negativamente na adolescência. Nesse sentido, a criança diagnosticada com TDAH cresce repleta de rótulos (TORRES, 2014), para alguns professores é aquela criança bagunceira com algum dano cognitivo que atrapalha a aula, para os colegas de sala é aquele amiguinho que toma remédio para conseguir se comportar, para os familiares é aquele filho, sobrinho, neto desatento que não consegue parar quieto. Essas rotulações marcarão a vida do sujeito, o desenvolvimento da sua personalidade e todas as questões sociais, educacionais, familiares que foram colocadas “debaixo do tapete” voltarão à tona e se revelarão, principalmente, na adolescência.

Logo, são preocupantes os índices progressivamente maiores de crianças que fazem uso de algum medicamento na infância e durante seu processo escolar. Em alguns casos, a introdução de psicofármaco, com o diagnóstico adequado e um tratamento multidisciplinar aplicado corretamente, é de vital importância, porém, a medicalização está tomando uma centralidade prejudicial a longo prazo na socialização, na saúde, no desenvolvimento das funções psíquicas e em outros inúmeros contextos que atravessam o ser. Boarini e Borges (2009) apontam uma dificuldade dos profissionais em lidar com o TDAH em crianças,

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

implicando na precarização do tratamento, que se encontra reduzido à intervenção medicamentosa.

Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo a revisão bibliográfica de produções científicas que versam sobre como o diagnóstico do TDAH está sendo entendido e tratado na infância e quais os impactos do uso e centralização da medicalização nesse sujeito quando adolescente. Para tanto foi preciso: retomar historicamente a concepção do TDAH; compreender o fenômeno da medicalização, e as consequências da centralização do uso do medicamento no tratamento do TDAH na infância e na adolescência, a partir da Psicologia Histórico-cultural; discorrer sobre a periodização do psiquismo e da personalidade a partir dessa mesma teoria, tendo a infância e a adolescência como focos dos estudos; entender como o diagnóstico de TDAH na infância pode afetar ou não, a personalidade do sujeito na adolescência; discorrer sobre o desenvolvimento da atenção voluntária para a Psicologia Histórico-Cultural; e analisar mediante esse arcabouço teórico os impactos na adolescência do diagnóstico de TDAH e o uso de medicamento ainda na infância.

Como metodologia, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, que contou com leituras e fichamentos de autores clássicos e contemporâneos da Psicologia Histórico- Cultural que versavam sobre desenvolvimento do psiquismo, periodização, personalidade, TDAH, medicalização. Para tanto, foi realizada uma busca em banco de dados como Google Acadêmico, Scielo, PEPSIC, CAPES, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), usando os seguintes descritores: TDAH, medicalização, infância, adolescência, desenvolvimento psíquico, aprendizagem, medicamento, identidade, Psicologia Histórico-cultural. Os materiais utilizados foram fundamentais para as análises e compreensão do problema de pesquisa.

Na adolescência, o sujeito está cercado de inúmeros eventos relativamente novos, como a entrada para o Ensino Médio e conseqüentemente a pressão da escolha profissional e a expectativa para a inserção no mundo adulto. Todas essas questões liberam uma carga emocional e hormonal grande quando comparada a outras etapas da vida. Além disso, ele convive com vários outros paradoxos, como por exemplo: a vontade de conquistar a independência, mas continuar na dependência dos pais defendendo-se daquilo que é desconhecido. É um período confuso e repleto de contradições (CARVALHO, 2019).

Os resultados dessa pesquisa mostraram que um diagnóstico pode sim mudar a vida de alguém, principalmente na maneira como enxerga a si mesmo. Esses sujeitos, tendem a se

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

apropriar desses rótulos. Eles se veem como agitados e que sem o remédio não conseguem fazer nada. De tanto ouvir que são alguma característica, eles passam a se ver como tal, ou seja, subjetiviza a característica aderindo-a em sua personalidade que está em desenvolvimento. Personalidade está que não é dada a priori, ao contrário, sua origem é social, se caracterizando como um processo que resulta da relação do ser humano com as experiências vividas em seu contexto social, ou seja, na materialidade (SILVA, 2009).

Além disso, a centralização dos medicamentos impede outras mediações necessárias para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, como a atenção voluntária nas crianças que posteriormente entram no período da adolescência. Ou seja, se a criança que apresenta o diagnóstico de TDAH com a justificativa de ser desatento ou hiperativo, é medicado e isso ocupa um papel central em sua vida e nas suas relações sociais, qual espaço terá para que a atenção voluntária e o auto controle da conduta se desenvolvam? O medicamento é mesmo necessário nesse caso? Nós mostramos, a partir de estudos teóricos, que não.

Além disso, o saber biologizante foi tomando espaço como solucionador dos problemas e atualmente, ainda vivemos em uma sociedade com olhar patologizante, onde os comportamentos tidos como inadequados socialmente são "consertados" através dos medicamentos. Porém, esse processo corrobora para a retirada da liberdade e singularidade do sujeito. Como se já não bastasse ter sua individualidade invalidada, as pessoas que lidam com os rótulos de algum diagnóstico, nesse caso o TDAH, muitas vezes sentem-se excluídas de seus grupos sociais, contribuindo ainda mais para o sofrimento psíquico (SILVA, 2015). Sofrimento tal que se torna invisibilizado por meio dos fármacos. Na bula do medicamento está citado alguns efeitos colaterais, como: alteração no apetite (diminuição, no caso), dores de cabeça, dores no abdômen e insônia entre 58% e 78% dos usuários desse remédio. Apesar de serem poucos os estudos de longa duração do uso desse fármaco, esses efeitos apresentaram-se independentemente da quantidade da dose ingerida e da duração do tratamento. Além disso, também existem relatos de insuficiência hepática ligada ao uso exagerado do metilfenidato. (GUILHERME; GODINHO, 2022).

Finalmente, consideramos que o cuidado de um olhar focado para todas as áreas da vida do sujeito possa evitar erros de diagnóstico que submetem crianças e adolescentes a tratamentos que podem prejudicar seu desenvolvimento cognitivo. Nessa medida, centralizar o uso de

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

fármacos em busca de tentar “solucionar” os sintomas do TDAH, não melhora a qualidade de vida do sujeito e, dessa forma, não se deve seguir como primeiro caminho. Não há porque submeter um sujeito aos riscos que as medicações trazem sem ser realmente necessário, um tratamento com psicólogo e uma conversa com cuidadores também pode ser eficaz. Não nos posicionamos contra os medicamentos, pois há casos que se torna necessária, mas acreditamos que há a necessidade de considerar um tratamento multidisciplinar como sugere a Psicologia Histórico Cultural. Acredita-se, com essa pesquisa, ser fundamental, desenvolver um olhar sensibilizado para pensar em medidas que contribuam com uma postura não estigmatizante do sujeito, abrindo espaço para que essas crianças e adolescentes possam ser ouvidos, além de um sistema que contribua com um modelo despatologizante e contra a medicalização da vida.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

BELTRAME, Rudinei Luiz et al. **Ouvindo crianças sobre sentidos e significados atribuídos ao TDAH**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 19, p. 557-565, 2015.

BOARINI, Maria Lucia; BORGES, Roselania Francisconi. **Hiperatividade, higiene mental, psicotrópicos: enigmas da caixa de Pandora**. EDUEM. Maringá, 2009.

CARVALHO, Viviane Pereira. **“O que não tem remédio, medicalizado está”: a incidência da medicalização na adolescência e os impactos da cultura contemporânea**. Ijuí, 2019.

GUILHERME, Ingrid Benício; GODINHO, Monica Oliveira Dominici. **Medicalização com enfoque no uso indiscriminado de metilfenidato: Uma revisão de literatura**. Research, Society and Development, v. 11, n. 14, 2022.

SANTOS, Roseli de Melo Germano Marques. **O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) na perspectiva de psicólogos que atuam na clínica e na escola**. 2012. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Maringá, 2012.

SILVA, Camila Ribeiro da. **Processo de medicalização e diagnósticos falso-positivo de TDAH: uma revisão de literatura**. Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2015.

SOUZA, Candida de; SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Adolescência em Debate: contribuições teóricas à luz da perspectiva histórico-cultural**. Psicologia em Estudo, v. 23, 2019.

TORRES, Maria Lucimara dos Santos. **Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade e a medicalização**. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2014.